

Futebol e Ditadura - Copa de 70 e a Redemocratização

Football and Dictatorship - 70 World Cup and redemocratization

Lucas de Almeida Felipe*
lucas1.felipe@alunos.ifsuldeminas.edu.br

RESUMO: Este projeto busca trazer luz ao período da ditadura militar no Brasil e como foi a influência do regime sobre o futebol, principalmente sobre a seleção brasileira durante a Copa do Mundo de 1970, ocorrida no México. Foi realizada uma pesquisa acerca de artigos, livros e autores que aprofundaram na temática, com o objetivo de evidenciar a forma que o esporte foi utilizado como uma ferramenta política, durante todo o regime militar. Foi concluído que o futebol, por ser um elemento comum a todos os brasileiros, obtêm um poder de influência e também de resistência, o que leva a ser utilizado de inúmeras formas, por diferentes pessoas.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura, Influência, Seleção Brasileira, Democracia, Futebol.

ABSTRACT: This project seeks to shed light on the period of the military dictatorship in Brazil and how the regime influenced football, especially the Brazilian national team during the 1970 World Cup, which took place in Mexico. A research was carried out on articles, books and authors that delved into the theme, with the objective of highlighting the way that sport was used as a political tool throughout the military regime. It was concluded that football, as it is an element common to all Brazilians, obtains a power of influence and also of resistance, which leads to being used in countless ways, by different people

KEYWORDS: Dictatorship, Influence, Brazilian National Team, Democracy, Soccer.

1. Introdução

O futebol, esporte mais amado no mundo, já foi usado de inúmeras maneiras e em diversos momentos por governos e líderes de estados, sendo um grande retrato de momentos importantes de diversos países, sendo usado como um apaziguador de guerras como durante a guerra civil na Costa do Marfim em 2007, que um jogo da seleção nacional fez os dois lados da guerra assistissem o jogo de forma pacífica e até mesmo durante a Primeira Guerra Mundial, que soldados inimigos jogaram uma partida para se divertirem durante o Natal de 1914, ou para construir uma identidade nacional. No Brasil isso não foi diferente durante toda a nossa história, e um dos principais momentos da história do futebol brasileiro, veio durante a

* Graduando em História pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS).

ditadura militar, onde o esporte foi usado tanto a favor, tanto contra a ditadura, mostrando a força que esse esporte tem em nosso território.

Como visto, o futebol é o produto de maior alcance às pessoas no Brasil, por conta desse poder, é fácil imaginar o porquê desse esporte ser um dos principais modos de disseminar uma ideia, de colocar uma luta a vista de todos e até mesmo buscar simpatizantes para uma causa. Essa foi a ideia que fez ele ser usado durante todo o processo da ditadura militar, entre os anos de 1964 e 1985, e além de todo o contexto dos times e campeonatos nacionais, o principal alvo dos militares foi a Seleção Brasileira.

Todas as copas que o Brasil participa, traz uma grande expectativa para os torcedores, sempre esperando uma grande apresentação do chamado futebol arte, uma característica dos jogadores brasileiros. Mas durante os eventos das Copas entre 1966 e 1982, o futebol era visto como uma forma de escape de toda aquela realidade que se via em nosso território, e também a preparação dos atletas não era feita de forma tranquila, sempre tendo algum tipo de pressão do governo. A principal copa que iremos retratar é a da vitória do Tricampeonato mundial em 1970. Um time com Pelé, Jairzinho, Tostão, Carlos Alberto Torres, Rivellino e muitos outros craques do futebol brasileiro, reunidos em um só time, sendo considerado um dos melhores times que a seleção já montou até hoje.

A preocupação por um bom desempenho nesse mundial era tamanha, buscando evitar um novo fracasso, como na copa de 66. Com a derrota na copa da Inglaterra em 66, ficou no imaginário dos torcedores e principalmente do governo, que para o Brasil voltar a vencer uma copa, deveria alterar sua forma de jogar, semelhante ao estilo europeu, usando a força em vez do futebol arte, fazendo assim toda a preparação para 70 ser mais militarizada e disciplinada (MAGALHÃES,2011, p.3).

O presente artigo, busca enfatizar o controle exercido pelas autoridades e governantes brasileiros sobre a CBD (Confederação Brasileira de Desportos), e a seleção brasileira, utilizando-a como um mecanismo de propaganda política e uma forma de mascarar a realidade enfrentada dentro do território brasileiro durante aquele período, e enfatizar a luta organizada por grupos que ansiavam pela redemocratização. Foi feita uma análise acerca de artigos, livros e autores que buscaram dar luz a um processo escondido e pouco apresentado ao povo brasileiro, os amantes do futebol.

2. Mundial no México e ditadura

Com eleição do General Médici a presidente do Brasil, o governo buscou associar o futebol ao regime, pois Médici era um torcedor fanático por futebol, buscando usar esse amor que tinha do esporte, para ganhar simpatizantes, com o intuito de ser bem visto pela população, e fazia questão de divulgá-lo, assim como a Assessoria Especial de Relações Públicas (AERP), órgão responsável pela propaganda oficial. Para a AERP, a dupla futebol e Médici caiu como uma luva na construção de uma imagem positiva do líder e de sua aproximação com os setores populares, ainda mais com a vitória na copa, associando a conquista no campo com seu modelo de governo, como se o êxito no futebol fosse reflexo do bom momento do país, minimizando assim os problemas que eram apontados (MAGALHÃES, 2011, p.3).

Após a Copa da Inglaterra, a pressão por parte dos militares em cima de João Havelange, então presidente da CBD, para uma troca do comando da seleção era enorme. Apoiado por dirigentes das federações, a primeira escolha foi Aymoré Moreira, técnico campeão do mundo pelo Brasil em 1962, no Chile. Com uma campanha irregular, Aymoré não resistiu a pressão vinda dos militares, e Havelange acabou o demitindo, contratando João Saldanha como novo comandante da comissão técnica. (CASTRO, 2019).

A seleção treinada por João Saldanha, se classificou para a copa em 69 sem grandes dificuldades. Com Saldanha à frente da seleção, um dos maiores críticos da seleção quando era jornalista e sendo um comunista assumido, teve problemas de relacionamento com os mandatários do governo brasileiro, principalmente com o próprio presidente Médici, que gostava de dar palpites na escalação. A sua contratação continua sendo questionada, com certa aceitação na versão de que João Havelange, então presidente da CBD, teria o colocado à frente da Seleção por conta de sua popularidade (RODRIGUES, 2007). Também havia a ideia de já ter alguém para ser apontado como vilão se houvesse algum fracasso:

Como explicar que, na época mais repressora da ditadura militar, fosse convidado um indivíduo conhecido por seu posicionamento comunista? Essa escolha torna-se compreensível se levamos em conta que a CBD vinha sendo alvo de críticas contundentes. (AQUINO, 2002, pág.90).

Os boatos de que o técnico levava registros das torturas para outros países, preocupava os militares, sendo confirmado pelo mesmo anos depois:

Porque eu já estava há um ano e pouco naquilo. Aí um amigo muito influente me deu uma lista de presos, desaparecidos, torturados e o diabo a quatro. Eu peguei a lista e corri a lista. Dei no Observer, no Le Monde, falei no rádio, na televisão na Europa, fiz o diabo com aquela lista” (Saldanha, 1982). Com o afastamento de Saldanha, em seu lugar assumiu o ex-jogador e bicampeão Mário Jorge Lobo Zagallo, que afirma que não houve qualquer interferência

do regime na seleção, dando um espaço maior para a militarização da seleção (MAGALHÃES,2011, p.4).

Com a proximidade do início da Copa em maio de 70, momento propício para atrelar os conceitos de pátria, futebol e governo, Médici recebeu os jogadores em uma recepção de despedida, uma forma de aproximar a imagem do governo da Seleção. Era a grande chance do presidente obter aprovação popular. No dia da vitória, abriu as portas do Palácio da Alvorada, a residência presidencial, para a população que estava comemorando, enquanto assinava uma carta exaltando o resultado (MAGALHÃES,2011, p.5). Leandro Stein, jornalista do blog TRIVELA, destaca uma carta escrita por Médici no dia da conquista do mundial:

Na hora em que a Seleção conquista definitivamente a Copa, após memorável campanha, desejo que todos vejam no presidente da República um brasileiro igual a todos os brasileiros. [...] Identifico na vitória a prevalência de princípios de que nos devemos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional (STEIN, 2014).

É claro que não faltou uma grande recepção no retorno dos tricampeões, sendo gravado e divulgado pelos meios de comunicação. “A Nação é Brasil, o Brasil é futebol, o futebol simboliza o governo: o governo é vencedor” (PEREIRA, 2012, p.4).

Outro ponto que fez a seleção ser associada ao governo, foi o Planejamento México, plano de treino feito pelos militares para a seleção antes da Copa, que inclui-a se acostumar com a altitude das cidades Mexicanas, seguindo uma disciplina militar, associando a forma rígida e disciplinada da preparação, da mesmo forma que o governo gerenciava o país, com a vitória no campeonato, trazendo assim uma imagem de que o modelo de governo traria vitórias para o país tanto no esporte, quanto no restante. Mas apesar do perfil militarizado e de tudo indicar que seguiriam o modelo europeu, o Brasil na Copa encheu os olhos do mundo com uma belíssima apresentação do futebol-arte. A conquista de 70 coroou o futebol brasileiro, primeiro país três vezes campeão do mundo, com Pelé, o rei, simbolizando o país do futebol (MAGALHÃES,2011, p.6). Uma das formas de unir a conquista ao regime, e também ao povo, durante a Copa, Miguel Gustavo, compositor brasileiro, compôs uma música, uma forma de propaganda do regime que transmitia essa “união” da nação:

Noventa milhões em ação/ Pra frente Brasil, no meu coração/ Todos juntos, vamos pra frente Brasil/ Salve a seleção!!!/ De repente é aquela corrente pra frente,/ parece que todo o Brasil deu a mão!/ Todos ligados na mesma emoção,/ tudo é um só coração!/ Todos juntos vamos pra frente Brasil!/ Salve a seleção! (MARTINS, 1970)



Imagem 1 - Carlos Alberto levanta a taça de campeão com o ditador Emílio Médici. GETTY. Fonte: Jornal El País

Claro que os militares e políticos se aproveitaram da conquista, não deixando a oportunidade passar, pois percebendo a popularidade da seleção, usaram meios de se aproximar de jogadores e comissão técnica, como quando posaram ao lado dos jogadores na grande recepção feita por Médici em Brasília (MAGALHÃES,2011, p.5).

3. Bastidores do futebol brasileiro

Apesar da importância da conquista do tricampeonato para a imagem positiva do regime, o uso do futebol pelos políticos não se limitou à Copa. Entendendo o potencial do esporte para alcançar seus objetivos, os militares decidiram ir mais longe, foi então que em 1971 se iniciou o primeiro Campeonato Brasileiro, dando uma visão mais ampla do território nacional por meio do futebol, sendo feito um grande investimento visando benefícios políticos. O novo Campeonato foi um sucesso, mas sempre foi usado como palco para disputas e discursos políticos, tanto para o governo como para os clubes e seus dirigentes (MAGALHÃES,2011, p.10).



Imagem 2 - Pelé festeja seu milésimo gol, no Maracanã. Foto: O Globo

Um importante momento para o presidente Médici foi o milésimo gol de Pelé, em 1969. O feito ocorreu em uma partida entre o Santos e o Vasco, no Maracanã, e o ídolo marcou de pênalti, Pelé foi recebido em Brasília, ganhando uma medalha de mérito nacional junto com o título de comendador das mãos do presidente. O atleta ainda desfilou pelas ruas da capital em carro aberto.

Em abril de 1970 foi inaugurada a Loteria Esportiva. A proposta conciliava sorte e futebol, e abria a possibilidade de mobilidade social para todos. Como incluía jogos de todo o país, fazia com que todos os resultados interessassem à toda a população, contribuindo para uma certa integração nacional (MAGALHÃES, 2011, p.10).

Outra arma usada pelo governo foi o televisor, pois era o principal entretenimento e meio de comunicação nas décadas de 1960 e 1970, e pela primeira vez, na Copa de 70, os jogos seriam transmitidos ao vivo, resultando em uma propaganda para o regime. O governo conseguiu associar o bom momento econômico com a possibilidade de adquirir televisores e assim acompanhar a seleção ao vivo e em casa (MATOS, 2002).

Mas o campeonato mundial de futebol de 1970 deve ficar como um marco importante ainda por um outro motivo. A febre futebolística dos brasileiros já é secular. Nenhum outro campeonato anterior, entretanto, terá atingido o que este atingiu em matéria de atenção e participação públicas. E a razão disso é a transmissão ao vivo, via satélite. [...] Não deixa de ser significativo que o Brasil entre assim na era da comunicação eletrônica pelo caminho do futebol. O que esta Copa está nos dando em termos de participação coletiva e de vibração popular é fruto, em boa parte, dos milagres da técnica moderna. O que experimentamos agora é uma espécie de ante-sala do mundo contemporâneo. [...] O que nos dão as transmissões do México é uma dimensão nova da realidade, na escala própria da era eletrônica. Os fatos podem ser os mesmos, mas a consciência que temos deles é outra e outra é a reação coletiva. Jogamos cada um dos jogos no México à medida que vão

sendo disputados. Somos milhões de participantes-testemunhas diante de acontecimentos que antes chegavam apenas como notícias (GUTERMAN, 2006, p. 116)

Ao mesmo tempo, em 74, João Havelange que até então era presidente da CBD, conseguiu chegar à presidência da FIFA, órgão máximo do futebol mundial, com a CBD passando a ser dirigida pelo Almirante Heleno Nunes, centralizando cada vez mais o esporte nas mãos do regime. Em 79, o regime estava afundado em uma crise institucional e econômica, havendo mudanças. No futebol, também ocorreram importantes mudanças, com a CBD sendo extinta e criando-se a Confederação Brasileira de Futebol (CBF). No início dos anos 80, o Brasil vivia a expectativa da abertura política, com as eleições livres para governador marcadas para 1982. Foi nesse clima de luta que o futebol brasileiro e a sociedade viveram uma experiência inédita, a Democracia Corinthiana (MAGALHÃES, 2011, p.11).

4. Retomada da democracia

Liderados pelo “Doutor Sócrates”, jogador e formado em medicina, jogadores e profissionais corinthianos, optaram por colocar fim ao cenário da ditadura e propuseram uma democracia. Para Sócrates, era necessário questionar todo o processo que ocorria no país, principalmente os jogadores, para que pudessem ter voz em decisões dentro de seus clubes. Era dessa forma que funcionava a Democracia Corinthiana, nas palavras do próprio Sócrates:

Tudo era votado. Essa foi a ação mais concreta do processo. Dissemos: “a partir de hoje, o que for coletivo, nós vamos votar” (...) Qualquer questão era levada a voto. Qualquer um podia apresentar um assunto para a votação. Quando viajar? A que horas viajar? Onde concentrar? Tudo era discutido. (SÓCRATES, 2002, p.67)

Outras iniciativas importantes foram o fim da concentração para os jogadores casados e a participação proporcional para os atletas na renda obtida pelo clube. Aos jogadores cabia o compromisso, a dedicação e profissionalismo (MAGALHÃES, 2011, p.11).

Todo o processo da Democracia Corinthiana sofreu com uma dura resistência por parte dos dirigentes de clubes, governantes dos estados e parte da mídia, pois a iniciativa não buscava mudanças somente relacionadas ao futebol, mas também uma mudança da sociedade no país, sendo representantes do povo na luta contra o regime:

(...) a gente também pode transformar a sociedade por meio do futebol. É o único meio, penso, que pode acelerar o processo de transformação da nossa sociedade porque é a nossa maior identidade cultural. Todos entendem de futebol. De política, nada (MAGALHÃES, apud SÓCRATES, 2002, p.58)



Imagem 3 - A união dos jogadores era o ponto forte da democracia corinthiana. Foto: Reprodução/CORINTHIANS.

O movimento ultrapassou as 4 linhas com muitas pessoas públicas, como artistas e jornalistas, torcedores do Corinthians, apoiando a campanha, como Rita Lee e o publicitário Washington de Olivetto. Olivetto passou a ser o responsável pelo marketing do clube, e foi quem passou a utilizar o nome Democracia Corinthiana, referência feita pelo jornalista José Carlos Amaral Kfourri, o Juca Kfourri. Foi nessa época que passou a ser permitido o uso de publicidade nos uniformes, e Olivetto aproveitou não apenas para ganhar investidores para o time, mas também para disseminar as propostas do movimento, com mensagens sociais e de cidadania. Uma delas foi a favor das eleições diretas para governador em novembro de 1982, com os dizeres “Dia 15 Vote”. Outra, simplesmente dizia “Democracia Corinthiana”. Porém, a jogada de marketing não foi bem vista pelos militares, como afirmou tempos depois Waldemir Pires, presidente do clube na época: “O brigadeiro Jerônimo Bastos, presidente do Conselho Nacional de Desportos (CND) na época, me chamou no Rio de Janeiro e disse: “Vocês não podem utilizar esse espaço para fins políticos”. Ele pediu que tirássemos a mensagem e nós o fizemos” (Waldemar Pires, 2002, p.86). Mais uma vez, a ditadura intervinha de forma direta no futebol nacional (MAGALHÃES, 2011, p.12).

Para aumentar a força do movimento, muitos dos envolvidos se filiaram a partidos políticos e participaram do movimento Diretas Já! Sócrates, como principal representante da iniciativa, afirmou que deixaria o país, se a Emenda Constitucional que propunha as eleições diretas não fosse aprovada. Com a não aprovação do Congresso, Sócrates foi jogar na Itália, dando início ao fim da Democracia Corinthiana. Com a saída de Sócrates e a mudança na diretoria do clube, o movimento perdeu forças, e o próprio clube que não resistiu, voltando à estrutura anterior, dos “cartolas” brasileiros, que segue até hoje (MAGALHÃES, 2011, p.13).

Com a eleição de Tancredo Neves para presidente, viu-se uma esperança na mudança do cenário brasileiro em geral. Depois de 21 anos, o povo volta a ter poder para eleger seus representantes, encerrando um período significativo para o país e para o futebol. Os anos seguintes seriam de consolidação da democracia e do modelo globalizado de esportes, e o principal esporte nacional passaria a ser interesse do marketing e de seu capital, porém sem se afastar do interesses de políticos (MAGALHÃES, 2011, p.14).

5. Conclusão

O poder que o futebol exerce sobre a população brasileira é enorme, por conta da paixão do povo pelo esporte, com isso o uso do mesmo pelo regime conseguiu muitas vezes desviar a atenção das perseguições, mortes, e outras coisas que ocorriam em nosso país. Mas mesmo o futebol sendo um aliado da ditadura, o mesmo conseguiu, com essa força de unir a população, trazendo a luta pela democracia à tona.

Todo o processo ocorrido no Brasil durante esses 21 anos foi de grande dor, mas interessante perceber que mesmo em tempos difíceis, ainda assim temos meios que muitas vezes por serem parte da nossa realidade, não entendemos o poder que eles têm de mudar nossas realidades. O futebol sempre foi e será um dos meios mais fortes para apresentar uma luta, uma causa que seja necessária para mudar uma realidade, seja no Brasil ou em qualquer lugar do mundo. É necessário abrimos os olhos para acontecimentos na nossa situação atual, podendo usar desses meios, seja o futebol, música, cinema ou qualquer outro tipo entretenimento como um instrumento, para mudar nosso jeito de pensar e nossa sociedade como um todo.

A pesquisa realizada levantou aspectos e fatos à muitos escondidos dos amantes do futebol, trazendo a luz acontecimentos importantes e impactantes, tanto quanto para o esporte, quanto para o regime que se instaurava no Brasil naquele momento, analisando de forma a evidenciar a manipulação por parte de governantes e dirigentes brasileiros, a usufruir de forma política, as conquista no campo de futebol. Podemos concluir que o futebol é um instrumento de grande valor, evidenciando que o esporte pode sim se misturar com a política, e acabar sendo uma forma de manifestação e libertação.

Referências Bibliográficas

A ditadura militarizou a Seleção, e 1982 foi o símbolo da redemocratização. Disponível em <trivela.com.br>. Visto em 07 out. 2024.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. *Futebol, uma paixão nacional*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.

CASTRO, Lucas. *Marcação Cerrada: Subversivos do mundo da bola*. Brasília: UNB, 2019. p. 14-15. Disponível em: . Acesso em: 12 set. 2021.

Democracia Corinthiana-documentário. Corinthians TV. São Paulo, 2018. [Democracia Corinthiana | Documentário - YouTube](#)

GUTERMAN, Marcos. *O Futebol Explica o Brasil: O caso da Copa de 70*. São Paulo, 2006. p. 57-58; 76-116.

MAGALHÃES, Livia G. CORDEIRO, Janaina Martins. *O Poder Na Torcida: Consenso, Futebol e Ditadura no Brasil (1970)e na Argentina (1978)*. 2016

MAGALHÃES, Livia G. *Futebol em tempos de ditadura civil-militar*. São Paulo, 2011.

MATOS, Heloíza. “*O discurso político oculto na comunicação do Governo Médici*”. *Líbero*, São Paulo, ano VI, n. 12, 2002.

MARTINS, Miguel Gustavo Werneck de Sousa, Canção: “*Pra Frente Brasil*”. Rio de Janeiro, 1970.

MEMÓRIAS do Chumbo: *o futebol nos tempos do Condor*. Brasil. Direção: Lúcio de Castro. Brasil, 2012 (52 min.), son., color. [Memorias do Chumbo Brasil - YouTube](#)

PEREIRA, Camila K. *Pra Frente Brasil, Ditadura Militar, identidade e Copa de 70*. Porto Alegre, UFRGS, 2012.

RODRIGUES, Ernesto. *Jogo Duro. A história de João Havelange*. Rio de Janeiro: Record, 2007

SALDANHA, João. *Entrevista a Cidinha Campos*, TV Record, 1982

STEIN, Leandro. *A ditadura militarizou a Seleção, e 1982 foi o símbolo da redemocratização*. Trivela. 3 de abr. de 2014. On-line. Disponível em: <https://trivela.com.br/brasil/ditadura-o-governo-militarizou-selecao-e-1982-foi-o-simbolo-da-redemocratizacao/>. Acesso em: 06 de setembro de 2021.

SÓCRATES; GOZZI, Ricardo. *Democracia Corinthiana – A utopia em jogo*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2002

Imagens

Imagem 1. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/esportes/2020-06-07/a-selecao-que-presenteou-a-ditadura-com-uma-taca.html>>. Visto em 20 out. 2024.

Imagem 2. Disponível em <<https://oglobo.globo.com/esportes/50-coisas-que-voce-nao-sabia-sobre-millesimo-gol-de-pele-1-24087178>> Visto em 20 out. 2024.

Imagem 3. Disponível em <https://www.meutimao.com.br/historia-do-corinthians/fatos-marcantes/democracia_corinthiana>. Visto em 20 out. 2024.